



FLECHA DO PENSAMENTO: SONHOS, ARTE E EDUCAÇÃO COMO MODOS DE AFIRMAR A VIDA

THE ARROW OF THOUGHT: DREAMS, ART AND EDUCATION AS WAYS TO AFFIRM LIFE

Benjamin Marins Costa¹
UFSM

RESUMO

Neste artigo, desenvolvo a relação entre sonhos, arte e educação como formas de afirmar a vida. Destaco a importância do compartilhamento dos sonhos nos processos artísticos e educativos e contextualizo minha investigação em um curso realizado no Ateliê da Mata, na Bahia. Utilizando a metodologia da a/r/tografia, analiso o potencial dessa iniciativa como uma forma de produção que afirma a vida. Ao tecer diálogos com um Caboclo em meus sonhos, proponho uma discussão com as ideias de Sidarta Ribeiro e Ailton Krenak, enfatizando a importância dos sonhos como veículos de conexão com o mundo sensível. Destaco a relação entre imaginação, realidade e experiência sensorial e concluo que a amizade, o cuidado de si e do outro e a integração da arte e da educação são formas de afirmação da vida.

PALAVRAS-CHAVE

Educação. Arte. Sonhos. A/r/tografia. Afirmação da Vida.

ABSTRACT

In this article, I explore the relationship between dreams, art and education as ways to affirm life. I emphasize the importance of sharing dreams in artistic and educational processes and contextualize my research within a course held at Ateliê da Mata in Bahia. Employing the methodology of a/r/tography, I analyze the potential of this initiative as a form of life-affirming production. Through dialogues with a Caboclo in my dreams, I engage in a discussion with the ideas of Sidarta Ribeiro and Ailton Krenak, highlighting the significance of dreams as vehicles for connection with the sensory world. I underscore the relationship between imagination, reality, and sensory experience, and conclude that friendship, self-care, and care for others, as well as the integration of art and education, are ways to affirm life.

KEYWORDS

Education. Art. Dreams. A/r/tography. Affirmation of Life.

¹ Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), linha de pesquisa Educação e Artes, da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria. Realizou intercâmbio na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal, como estudante visitante de mobilidade (2011/12). E-mail: benjaminmarins@yahoo.com.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1256089884300912>. Santa Maria, Brasil.



Introdução

Este artigo é o primeiro de uma série que compõe minha dissertação de mestrado intitulada "Flecha Pensamento e a produção de modos de afirmar a vida na pesquisa em Arte e Educação", a qual está dividida em três partes: sonhos, arte e educação. No presente texto, reflito sobre como o compartilhamento dos sonhos pode ser um modo de afirmar a vida nos processos artísticos e educativos.

Para adentrar nessa reflexão, lanço meu olhar para uma produção autoral realizada no Ateliê da Mata, um espaço que fundei em 2020 na região da Chapada Diamantina, Bahia. Aqui, meu objeto de estudo é um curso destinado a adultos realizado em 2022 no Ateliê, intitulado "Proposições para Adiar o Fim do Mundo", cuja inspiração deriva do livro "Ideias para Adiar o Fim do Mundo", do líder indígena Ailton Krenak.

No âmbito desta investigação, faço uso da metodologia da a/r/tografia para analisar o potencial dessa iniciativa educativa e artística como uma forma de produção que afirma a vida.

Para iniciar o artigo, trago à cena o relato de um sonho com um caboclo, dialogando com as ideias de Sidarta Ribeiro e Ailton Krenak. Considero essa contextualização fundamental para compreender os rumos desta investigação. Esta escrita é fundamentada na perspectiva de um artista, educador e investigador.

O que podem os sonhos dentro de uma pesquisa em arte e educação?

- Para onde sigo com a minha pesquisa? O que estou buscando?

- Acho que tu quer integrar arte, vida e educação. Quer romper barreiras. Pra ti, tá tudo misturado. Tu não tava estudando um antropólogo que fala sobre os fluxos vitais e uma perspectiva ecológica? Teu pensamento é sistêmico, fio. Tu quer integrar. Te incomoda ser fragmentado, tu quer ser corpo inteiro. Quer falar de educação, arte e dos teus amores sem separar nada por sessão. Porque tá tudo junto mesmo. Aquilo que te incomoda de um lado te atravessa do outro.



- E como eu faço isso?

- *Com a arte. Tuas invenções colocam teu corpo em movimento para aquilo que faz sentido pra ti. Já te falei - cria um corpo. Materializa. Traz pra terra. Cria imagens. Desenvolve uma estética. Não precisa inventar moda, só apresenta tudo aquilo que tu vive. Tu é um artista, investigador e educador. Te apresenta integralmente.*

- Mas é possível integrar arte, vida e educação numa pesquisa?

- *Eu te pergunto quem foi que fragmentou tudo isso, porque eu não vejo separação.*

Fragmento do Diário dos Sonhos do autor

O presente diálogo é parte integrante do meu diário, um caderno onde registro e ilustro meus sonhos a cada despertar. Nessa conversa, relato para um Caboclo alguns dilemas relativos à minha pesquisa no mestrado em educação. Os sonhos, frequentemente funcionam como portais para os recantos do inconsciente, trazendo à tona questões profundas e inquietações latentes (RIBEIRO, 2019). Em minha trajetória, os sonhos têm sido bússolas que me conduzem a caminhos inesperados e inventivos. Segundo o neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro (2022) numa entrevista para a revista Metrôpoles “O sonho é uma forma ancestral de construção de adaptação, de futuro, de alternativas e de possibilidades. É importante para termos criatividade e flexibilidade cognitiva. E não é sobre nós mesmos, sobre o nosso próprio umbigo, é sobre as relações”.

Segundo o neurocientista, para sonhar com emoções fortes é preciso vivenciar as experiências na vigília, pois as memórias são a matéria do mundo onírico. Na cultura ocidental contemporânea, os sonhos frequentemente perdem seu valor, assim como o tempo dedicado ao sono. Estamos tão imersos na aceleração e sobrevivência do cotidiano, que mal conseguimos encontrar tempo para dormir, sonhar e compartilhar essas experiências (RIBEIRO, 2019).

Para o líder indígena Ailton Krenak, as subjetividades de nossos antepassados ainda persistem em nossos sonhos. Os povos caçadores sonham de uma maneira, enquanto os agricultores de outra, mesmo que não haja mais caça ou plantações para



cultivar. Krenak, em seu livro *A vida não é útil*, 2020, afirma que sonhar é uma prática que pode ser interpretada como parte do costume cultural, não sendo algo feito em público, mas sim de forma íntima: *sonhar é um lugar de veiculação dos afetos*.

Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de como o sonho afeta o mundo sensível; de como o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los ao seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível. (KRENAK, 2020, p 37)

O Caboclo que surge em meus sonhos é uma figura constante em momentos de dúvidas, quando me vejo sem direção clara a seguir. Foi ele quem, meses antes deste relato, sugeriu que eu deveria me tornar um caçador e iniciar meus estudos na arquearia. Essa entidade não possui um rosto, forma ou cor definidos; é uma presença etérea que me ouve com atenção e compartilha suas sabedorias de forma sutil. É impossível deixar de mencioná-lo nesta pesquisa, pois sua manifestação em minha vida cotidiana é evidente, guiando-me em direção ao desconhecido.

(A/r/tografia) - E como eu faço isso?

- Com a arte. Tuas invenções colocam teu corpo em movimento para aquilo que faz sentido pra ti. Já te falei - cria um corpo. Materializa. Traz pra terra. Cria imagens. Desenvolve uma estética. Não precisa inventar moda, só apresenta tudo aquilo que tu vive. Tu é um artista, investigador e educador. Te apresenta integralmente.

Ao me instigar a iniciar uma produção artística, o Caboclo faz uma referência ao processo a/r/tográfico. Compreendo que esse *ser* que habita meu inconsciente, busca se comunicar comigo, utilizando-se de conhecimentos presentes em meus repertórios, ou, como afirma Nietzsche, das flechas que estão à minha disposição (NIETZSCHE, 1994). No trecho do diálogo, é possível perceber a influência da a/r/tografia na fala do Caboclo, onde a ideia de integrar as facetas de artista, investigador e educador reflete os conceitos discutidos por Rita Irwin e Belidson Dias no livro previamente lido por mim, *Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia* (2013). Segundo os autores,



“Ao colocar a criatividade à frente no processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, a a/r/tografia gera insights inovadores e inesperados ao incentivar novas maneiras de pensar, engajar e de interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor. O ponto crítico a a/r/tografia é saber como desenvolvemos inter-relações entre o fazer artístico e a compreensão de conhecimento.” (DIAS, 2013, pg 24)

Acredito que compreender como acontecem meus processos criativos pode me auxiliar a encontrar maneiras de afirmar a vida, contribuindo para responder como a produção de processos educativos pode ter o mesmo impacto. Assim, a a/r/tografia não apenas me auxilia a responder à pergunta central desta pesquisa mas também me convida a mergulhar em um processo criativo e reflexivo contínuo, possibilitando novas maneiras de pensar a pesquisa em educação. Segundo Belidson,

“Os pesquisadores, envolvidos em desconstruir a escrita acadêmica dominante, desafiam a voz do observador acadêmico como possuidor de todo o conhecimento, exploram modos criativos de representação que reflitam a riqueza e a complexidade das amostras e dados de pesquisa e desse modo promovem múltiplos níveis de envolvimento, que são simultaneamente cognitivos e emocionais.” (DIAS, 2013, pg 24)

Nesse contexto, a a/r/tografia surge como uma metodologia que viabiliza a presente investigação, pois valoriza e ressalta os processos intuitivos e inventivos, deslocando modos estabelecidos de fazer pesquisa e conhecimento em arte e educação (DIAS, 2013). Minha jornada de investigador tem sido influenciada por sonhos e intuições, que têm me conduzido a caminhos significativos. Através do diálogo com o caboclo, busco aqui compreender o que podem os compartilhamentos dos sonhos com um modo de afirmar a vida.

Um sonho chamado Ateliê da Mata

No ano de 2020, ao mudar-me para a Bahia e estabelecer residência no Vale do Capão, na Chapada Diamantina, decidi, após alguns meses, alugar um sítio com um amigo e fundar o Ateliê da Mata. Esta iniciativa foi uma homenagem aos povos indígenas e a todos os guardiões da natureza. Situado entre a caatinga, o cerrado e a mata atlântica, o Ateliê foi concebido como um espaço destinado a promover a conexão entre a arte, a natureza e o brincar. Nesse contexto, atuei como arte-



educador, envolvendo-me em projetos autorais e colaborativos, tendo a oportunidade de trabalhar com mais de sessenta crianças e adultos, além de oferecer mais de quinze cursos.

No mês de março de 2022, desenvolvi o primeiro curso destinado a adultos, intitulado “Proposições para Adiar o Fim do Mundo”. Ao longo de cinco encontros, envolvendo seis participantes, dedicamo-nos à criação de livros dos sonhos e utopias, construímos objetos artísticos com pedaços de montanhas, desenhamos com carvão em torno da fogueira, meditamos e modelamos com a água na beira do rio e recebemos a artista local Andrea Cathalá para uma aula de canto de sereias. Em cada sessão, incorporei os elementos da natureza como dispositivos sensoriais, visando ampliar a presença e o envolvimento dos participantes nas propostas apresentadas, proporcionando um ambiente acolhedor para que cada participante pudesse se sentir bem e à vontade para entrar em contato com a arte, a natureza e o brincar.

No primeiro encontro do curso, chamado “Paraquedas Coloridos”, ensinei ao grupo a técnica da encadernação, para que cada participante pudesse criar seu próprio livro dos sonhos e utopias. A proposta era que, ao longo do mês, os participantes registrassem em seus livros desenhos e escritos sobre seus sonhos e as mensagens que surgissem do mundo onírico, para que pudéssemos compartilhar durante os encontros. Quando Ailton Krenak afirma que o sonho é um lugar de *veiculação de afetos*, os *afetos* são entendidos em um sentido amplo, incluindo como os sonhos influenciam o mundo sensorial e como, ao narrá-los, conectamos o mundo dos sonhos com o amanhecer.

“Quando o sonho termina de ser contado, quem o escuta já pode pegar suas ferramentas e sair para as atividades do dia: o pescador por ir pescar, o caçador pode ir caçar e quem não tem nada para fazer pode se recolher. Não há nenhum véu que o separa do cotidiano e o sonho emerge com a maravilhosa clareza.” (KRENAK, 2020, p 38)

Nesse sentido, o antropólogo Tim Ingold, em seu artigo “Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem”, questiona a divisão entre realidade e imaginação em domínios separados, levantando a dificuldade de criar um espaço para a arte e a



literatura, ou para a religião, ou para as crenças e práticas dos povos indígenas em uma sociedade dominada pelo conhecimento científico e racional. Seria possível alcançar um ponto de acomodação para os dois domínios?

O autor discute a importância de reconhecer a interconexão entre realidade, imaginação e experiência sensorial para uma compreensão mais ampla e integrada do viver. Ingold sugere que a imaginação não precisa ser vista como uma fuga da realidade, mas sim como um impulso criativo e vital que pode enriquecer nossa relação com o ambiente em que vivemos. Ao retomar o processo histórico em que a reconciliação entre os sonhos da nossa imaginação com os padrões do mundo foi elaborada por autores como Francis Bacon, o autor afirma:

O processo histórico é recapitulado atualmente na educação de qualquer criança em idade escolar que é ensinada, sob pena de fracassar nos seus exames, a desconfiar dos sentidos, a confiar mais no intelecto do que na intuição e a considerar a imaginação como uma fuga da vida real e não como seu impulso. Quase que por definição, me parece, o imaginário é irreal: é a nossa palavra para aquilo que não existe. (INGOLD, 2012, p. 17)

Dessa forma, ao reconhecer a importância da imaginação como uma parte da experiência humana, podemos ampliar nossa compreensão do mundo e enriquecer nosso viver. Ao invés de entender a imaginação a um domínio separado da realidade, podemos vê-la como um impulso criativo que nos permite explorar novas perspectivas, criar arte e nutrir nossa espiritualidade. Ao integrar a imaginação à nossa compreensão da realidade, abrimos espaço para uma abordagem mais sistêmica e enriquecedora da vida.

O compartilhamento dos sonhos como modo de afirmar a vida

Na minha dissertação de mestrado, tenho procurado compreender como produzir modos de afirmar a vida por meio dos processos artísticos e educativos, tendo o Ateliê da Mata como espaço de referência para essas afirmações. Minha concepção de vida parte de uma visão ampla, onde adoto uma abordagem ecológica dos *fluxos vitais* (INGOLDS, 2012), assim como a compreensão da vida como um acontecer (KRENAK, 2020). Além disso, considero a perspectiva de vida conforme o filósofo



Friedrich Nietzsche, que a entende como uma busca incessante por expansão, crescimento e superação de limites. Nesse contexto, reflito sobre como as ideias do filósofo me atravessam como flechas: *a flecha do pensamento*.

No artigo "Ressonâncias de Nietzsche em Foucault: o encontro criativo da flecha do pensamento", a pesquisadora Aline Ribeiro Nascimento desenvolve a noção de "flecha do pensamento" como uma metáfora para representar a força e a intensidade das ideias filosóficas. Segundo a autora, a inspiração para a flecha veio de uma frase de Deleuze, que concebe a imagem como uma poética das forças, colocando-nos em contato com a proposta intensiva e afirmativa de criação de novos modos de existência.

Ao ser atingido pela flecha do pensamento de Nietzsche, o leitor se torna um "arqueiro", ou seja, alguém que é atravessado e responde a essas ideias, transformando-se e lançando a flecha em novas direções. Essa dinâmica de lançamento e recepção das ideias filosóficas é essencial para a renovação e a transformação do pensamento, conforme discutido ao longo do artigo. Assim, a metáfora da flecha do pensamento destaca a potência e a vibratilidade das ideias filosóficas, bem como a importância da interação e do diálogo entre pensadores ao longo da história.

Nesse contexto, faço minhas reflexões e produzo maneiras de afirmar a vida a partir das flechas que me atravessam, inspirado pelo pensamento de Nietzsche, Foucault, Ingold, Ribeiro e Krenak. Para Nietzsche, afirmar a vida é abraçar a realidade, aceitando que os dramas e tragédias são partes inerentes dela. Ao romper com ideias metafísicas e morais, o filósofo abraça a natureza caótica da existência, buscando encontrar beleza na totalidade da experiência humana, numa postura de coragem e criatividade.

A elaboração do curso "Proposições para adiar o fim do mundo" surgiu em um momento pós-pandemia da COVID-19 e foi idealizado para pessoas que passaram por muito tempo em isolamento social. Dos seis participantes, quatro eram residentes



do Vale do Capão, o vilarejo onde fundei o Ateliê da Mata, e duas participantes vinham de diferentes regiões do Sul do Brasil. A ideia inicial era que práticas como conversas em torno da fogueira e momentos de compartilhamento de lanches, permeados por processos artísticos, pudessem criar um ambiente onde os participantes pudessem reconectar-se com o convívio social. Nesse contexto, a ideia da criação do livro de sonhos e utopias era que, além de os sonhos servirem de inspiração para a criação de trabalhos artísticos, também pudessem ser narrados em rodas de conversa. Essa prática, muito comum em espaços íntimos, poderia fortalecer os laços afetivos do grupo, promovendo um ambiente mais propício para criações e compartilhamento de ideias, contribuindo assim para o desenvolvimento de um ambiente de bem-viver..

Considerações Finais

No decorrer deste curso, desenvolvemos uma amizade entre o grupo, a qual foi fortalecida com o passar do tempo. Através do compartilhamento dos sonhos, experiências pessoais e criações artísticas, cultivamos um espaço coletivo onde novas formas de vida puderam ser afirmadas. Ao refletir sobre os ensinamentos de Ailton Krenak, fomos atravessados por suas “flechas” de maneiras diversas, percebendo e reafirmando o potencial da arte não apenas para enriquecer nossas vidas individualmente, mas também para criar comunidades que adiem o fim do mundo. Como Foucault (2004) sugere, a amizade é uma forma de resistência contra os dispositivos de poder que buscam nos dividir e nos controlar. Assim, ao concluir este curso e este artigo, sinto-me inspirado a continuar explorando os limites da arte, da educação e da vida, reconhecendo que, ao integrar esses domínios, podemos encontrar um terreno fértil para a construção de um futuro com uma abordagem mais ecológica (INGOLD, 2012). Que possamos nutrir não apenas o conhecimento, mas também a amizade, o cuidado de si e do outro, como uma forma de resistência e afirmação da vida (Imagem 1).



Imagem 1. Participantes do curso “Proposições para adiar o fim do mundo”. Digital, 10cm X 15cm:
Imagem do autor

Referências

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Lúcia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

INGOLD, Timothy. **Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem**. In: STEIL, C.; CARVALHO, I.; (Org.). *Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. Coleção Antropologia Hoje. 237 p.

INGOLD, Timothy. **Da transmissão de representações à educação da atenção**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v.33, n.1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

INGOLD, Timothy. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de matérias**. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NASCIMENTO, Aline Ribeiro. **Ressonâncias de Nietzsche em Foucault: o encontro criativo da flecha do pensamento.** Griot: revista de filosofia, ISSN 2178-1036, Vol. 11, Nº. 1, 2015, págs. 160-184

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Sidarta. **Sidarta Ribeiro explica a importância do sonho e como se lembrar dele.** Metrôpoles, 20/06/2022. Disponível em <https://www.metrolopes.com/saude/sidarta-ribeiro-explica-a-importancia-do-sonho-e-como-se-lembrar-dele>. Acesso em 04 de maio de 2024.